Globethics Repository



A redução do tempo de trabalho e a cultura do tempo livre [The reduction of working time and the culture of free time]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Langer,André
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-16 09:44:58
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163372

***IHU On-Line* - O que significa "necessitamos praticar uma desobediência radical"? Como o senhor a tem praticado em sua vida e que conseqüências isso lhe trouxe?**
Paolo Virno: A "desobediência civil" representa, talvez, a forma basilar de ação política da multidão. Contanto, porém, que ela seja emancipada da tradição liberal na qual foi encapsulada. Não se trata de não respeitar uma lei específica porque incoerente e contraditória com outras normas fundamentais, por exemplo, com a carta constitucional: em tal caso, de fato, a desobediência seria o testemunho de uma lealdade ainda mais profunda ao comando estatal. Ao contrário, trata-se de colocar em questão a própria faculdade de comandar do Estado, aquela obrigação de obedecer antes mesmo de saber que coisa nos será ordenado. Em outras palavras, é preciso estraçalhar aquele "monopólio da decisão política" que o Estado representa (a definição é de Carl Schmitt). A multidão é "antimonopolítica" e, precisamente por isso, desobediente. Quanto a mim, passei três anos na prisão, no início dos anos 1980, acusado de "associação subversiva". Mas era um período diferente: mais que "desobediência radical" se tratava, então, de "revolução política". Portanto, a desobediência toma o lugar da revolução, já que o problema não é a "tomada do poder", mas a sua dissolução.

***IHU On-Line* - Como imagina os próximos anos de nossas sociedades em relação com a sua organização política, a conquista da paz, o papel e o lugar que ocupará o trabalho?**
Paolo Virno: Espera-nos um terrível período de transição, semelhante, em muitos sentidos, ao do século XVII. Uma transição na qual serão construídas novas instituições internacionais e será refundada, por inteiro, a teoria política. O movimento global, a partir de Seattle, exprime muitas características do trabalho pós-fordista, porém, sem conseguir, no momento, incidir sobre as relações de força. È este o ponto crucial: que formas de luta e que modelos organizativos para o trabalho precário, intelectual e flexível?

***IHU On-Line* - Poderia ou deveria a Universidade ser um lugar privilegiado para experimentar formas novas de organização social, para ler e entender a multidão, para apresentar novas definições do trabalho?**
Paolo Virno: Se é verdade que a ciência, a informação, o saber se tornaram a principal força produtiva é claro que as universidades são um centro nevrálgico de luta política. Elas constituem aquilo que Marx chamava *o general intellect*, o "intelecto geral" da sociedade. Mais que lugar privilegiado do pensamento crítico, as universidades representam um componente decisivo da moderna cooperação produtiva. Não se trata tanto de elaborar novas definições de trabalho, mas de se organizarem como m setor estratégico da "fábrica social", como intelectualidade de massa diretamente produtiva.

A REDUÇÃO DO TEMPO DE TRABALHO E A CULTURA DO TEMPO LIVRE
Entrevista com André Langer

André Langer é membro do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores, CEPAT, mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Unisinos, com dissertação intitulada ***Pelo êxodo da sociedade salarial. A evolução do conceito de trabalho em André Gorz*[7]*. IHU On-Line*** *entrevistou André Langer por e-mail sobre a reivindicação da diminuição do tempo de trabalho. Sobre esse tema, Langer publicou um artigo no* ***Cepat***

[7] André Gorz é autor de muitos livros sobre o mundo do trabalho. Os dois últimos são: **Misères du présent. Richesse du possible**. Paris:Galilée, 1997 e **L'Immatériel. Connaissance, valeur et capital**. Paris:Galilée, 2003. (Nota do IHU)

__Informa__ n.º 108, de abril de 2004. Os __Cadernos do IHU__ n.º 5 publicará uma síntese da tese de mestrado. Os __Cadernos do IHU__ serão lançados por ocasião da celebração do n.º 100 do boletim __IHU On-Line__, no dia 12 de maio de 2004.

***IHU On-Line*- Por que a proposta da redução do tempo de trabalho é reintroduzida na sociedade brasileira especialmente pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), num período de grave desemprego, e ao mesmo tempo recordes de horas extras. Não parece uma idéia irrealizável nesse contexto?**

André Langer- É uma proposta que responde, por um lado, aos anseios históricos dos trabalhadores de todos os tempos. Nesse sentido, ela retoma esta grande luta por trabalhar menos tempo. Por outro lado, responde à grande questão do momento: a distribuição da produtividade. Hoje o sistema produtivo é capaz, por conta das inovações tecnológicas, de produzir mais, com menos trabalhadores e em menos tempo. Ou seja, o grande desafio que se coloca não é mais prioritariamente o da produção, mas o da distribuição das riquezas socialmente produzidas. Portanto, distribuindo-se entre todos o trabalho socialmente necessário, é possível que todos trabalhem menos. O que ocorre no Brasil é, na verdade, uma concentração não só da renda, mas também do trabalho, fenômeno que aparece no grande número de trabalhadores que faz hora extra, cujo efeito mais perverso é o exponencial desemprego que vemos. Aqui há trabalho que pode ser distribuído de maneira mais eqüitativa entre todos. O sentido da redução do tempo de trabalho consiste numa dupla ação: 1) é a única alternativa capaz de evitar uma crescente dualização da sociedade entre os trabalhadores do núcleo central, de tempo integral, os trabalhadores dos círculos periféricos, precários, de baixa remuneração, de tempo parcial, e os desempregados. 2) liberar tempo para as atividades autônomas sem fins lucrativos. A proposta da redução do tempo de trabalho não pode ser uma finalidade em si mesma. O horizonte dentro do qual ela deve ser pensada é a extensão máxima da esfera da autonomia. Assim, a idéia da redução do tempo de trabalho é perfeitamente possível.

***IHU On-Line*- Quais são essas aspirações que estão por trás da proposta de redução do tempo de trabalho?**

André Langer- A redução do tempo de trabalho não visa unicamente à criação de novos empregos, por mais importante que isso seja para a sociedade brasileira a fim de distribuir as riquezas socialmente produzidas, mas visa também à abertura de novos horizontes de realização pessoal, interpessoal e comunitária para além do trabalho-emprego. Convém reconhecer que para boa parte dos trabalhadores o tempo fora do trabalho acaba sendo investido de crescente importância na sua vida. Trabalhadores há que não admitem mais viver exclusivamente para o trabalho. Por todos os lados salta o desejo de trabalhar menos e viver melhor. A qualidade de vida aparece como um valor cada vez mais importante a ser cultivado. O lazer, o tempo com a família e a diversão fazem toda a diferença entre uma vida pautada e invadida pelo trabalho e uma boa vida. É preciso também relacionar a política de redução do tempo de trabalho a um projeto político de transformação da sociedade: as medidas que compõem uma política de redistribuição do trabalho e do tempo liberado deverão se inscrever na perspectiva de uma superação da sociedade do trabalho assalariado. Uma política de redução do tempo de trabalho não pode perder de vista o horizonte mais amplo de construção de uma nova sociedade. Caso contrário, será apenas uma medida pontual ou isolada, um remendo no sistema, com grandes chances de fracassar.

***IHU On-Line*- Como efetuar uma mudança para uma nova cultura do tempo livre?**

André Langer- A redução do tempo de trabalho não aumenta automaticamente o tempo livre das pessoas. Trata-se de ir criando uma nova cultura do tempo livre para que a redução da jornada de trabalho não redunde num segundo ou mesmo terceiro empregos. No fundo, trata-se de dar uma nova importância aos outros tempos da vida e construí-los fora da lógica produtivista. A sociedade brasileira está convidada a olhar mais para o seu interior, suas necessidades, suas carências, seus desejos, e menos para o interior da fábrica, do escritório e suas necessidades. Na realidade, a redução do tempo de trabalho objetiva enfrentar dois grandes desafios: primeiro, redistribuir entre todos o trabalho socialmente necessário, de modo que todos possam trabalhar menos, melhor e de outra maneira. Trata-se de proceder a uma outra repartição do trabalho que não a imposta hoje pelo capital. Em segundo lugar, começar a visualizar o tempo liberado ou o tempo livre, não mais como um tempo vazio, sem sentido, ou simplesmente na perspectiva de recuperar as forças e as energias para o trabalho assalariado, mas como um tempo rico em novas possibilidades desvinculadas da lógica da racionalidade econômica e da mercantilização. O tempo livre não deve ser visto como um tempo vazio, um tempo de pura passividade. É o tempo de produção de novas sociabilidades, de relações sociais e tempo para o livre desenvolvimento pessoal. O tempo é considerado como a fonte mais preciosa, e a economia da esfera da necessidade terá por princípio economizar ao máximo o tempo de trabalho a fim de maximizar o tempo disponível. Para Marx, a verdadeira economia – aquela que economiza – é a de tempo de trabalho. A verdadeira economia leva à eliminação do trabalho como forma dominante de atividade. É por esta razão que a redução do tempo de trabalho pode abrir um espaço sempre maior para a realização de atividades que não estejam mais ligadas à lógica da racionalidade econômica. O tempo livre, insiste Gorz, "permite aos indivíduos desenvolver capacidades (de invenção, de criação, de concepção, de intelecção) que lhe conferem uma produtividade quase ilimitada."

***IHU On-Line*- Como fazer com que o tempo livre não se submeta à lógica do consumo?**
André Langer- Essa é uma questão difícil de ser resolvida. Evidentemente não se pode desdenhar do poder que o consumo passou a ter em nossas sociedades. É preciso dar-se conta de que o exacerbamento do consumo está estreitamente ligado à produção capitalista que separa o produtor do consumidor. Não há produtor sem consumidor, assim como não há produção sem consumo. Portanto, em nossa sociedade o consumismo está ligado à própria idéia de desenvolvimento, de crescimento. Por esse motivo, para que a produção possa crescer sempre, é preciso instigar e dinamizar o crescimento do consumo, sem que se leve em conta os efeitos macrossociais e ambientais de tal lógica. Como recorda Gorz, o antigo "isso me basta" cede hoje lugar ao "mais vale mais" ou ao "nunca é suficiente". Uma revolução ao nível das necessidades entranha uma nova concepção na qual "a eficácia máxima *ilimitada* na exploração do capital exigirá assim o máximo *ilimitado* de ineficiência na cobertura das necessidades, e do esbanjamento no consumo". Trata-se de ir criando a consciência de que o consumo – e a economia como um tudo – terá que ter cada vez mais em conta não tanto a quantidade do crescimento, mas a qualidade de vida, o que nos faz transcender o mero economicismo e incluir, inclusive, questões relativas ao meio ambiente. Nesta perspectiva se pode introduzir todo o debate sobre crescimento sustentável ou decrescimento, que vem ganhando força sobretudo na Europa. Ao mesmo tempo, trata-se de ir aumentando domínios, pessoais e coletivos, livres da lógica do consumo. Nada justifica a onipresença dessa lógica na vida das pessoas e da sociedade.